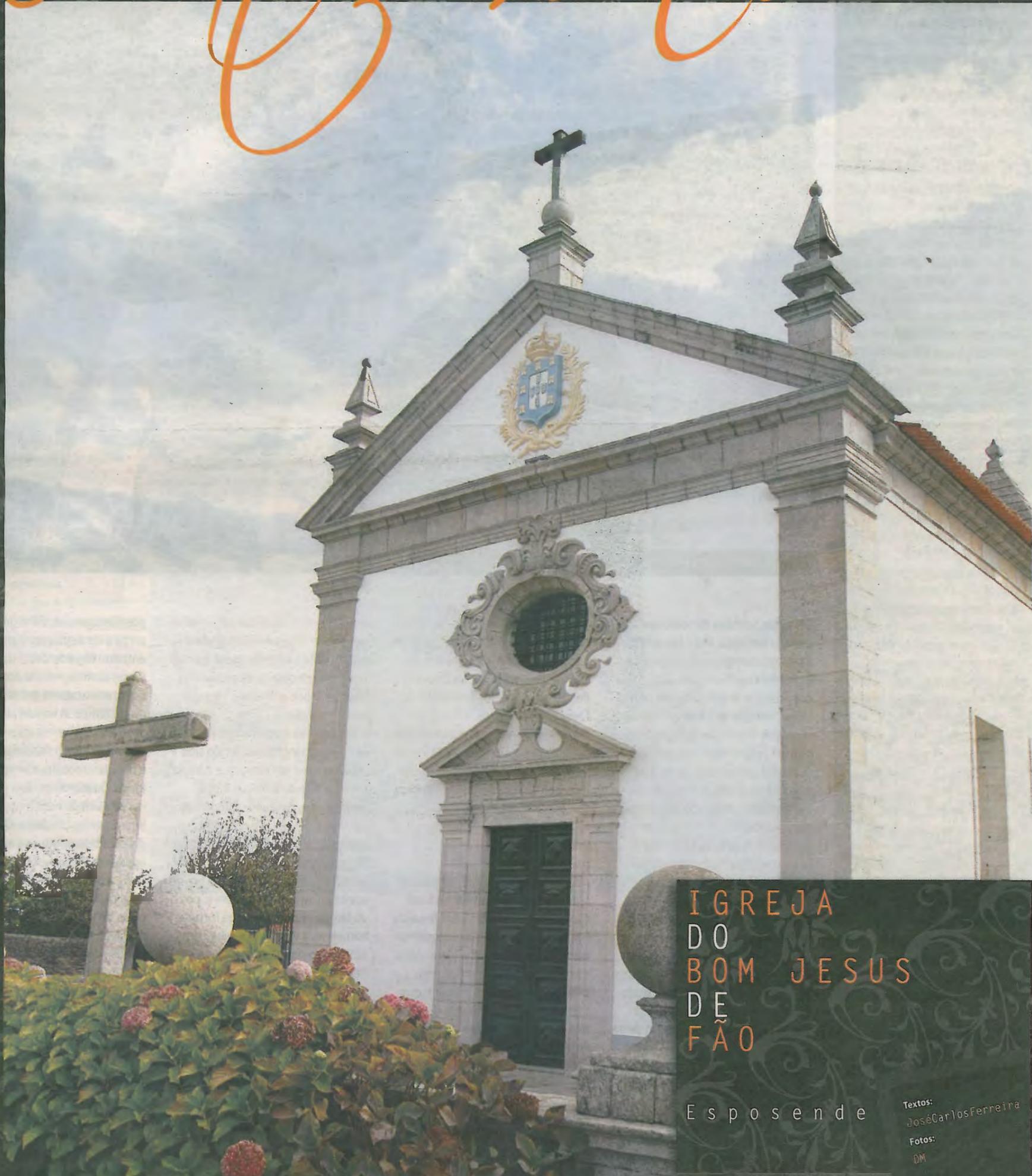


2 DE NOVEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27942 de 2 de Novembro de 2007, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA
DO
BOM JESUS
DE
FÃO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Fotos:
DM



Introdução

Esta semana, o suplemento do Património permanece na freguesia de Fão, propondo agora uma visita à igreja do Bom Jesus, construída no século XVIII com o esforço, não só dos fangueiros, mas também dos habitantes das freguesias vizinhas.

Para esta obra foram também vendidas na região e no Brasil as Fitas do Senhor Bom Jesus, estando provavelmente aqui a origem das hoje famosas pulseiras da Senhora da Aparecida, que são vendidas em Terras de Vera Cruz.

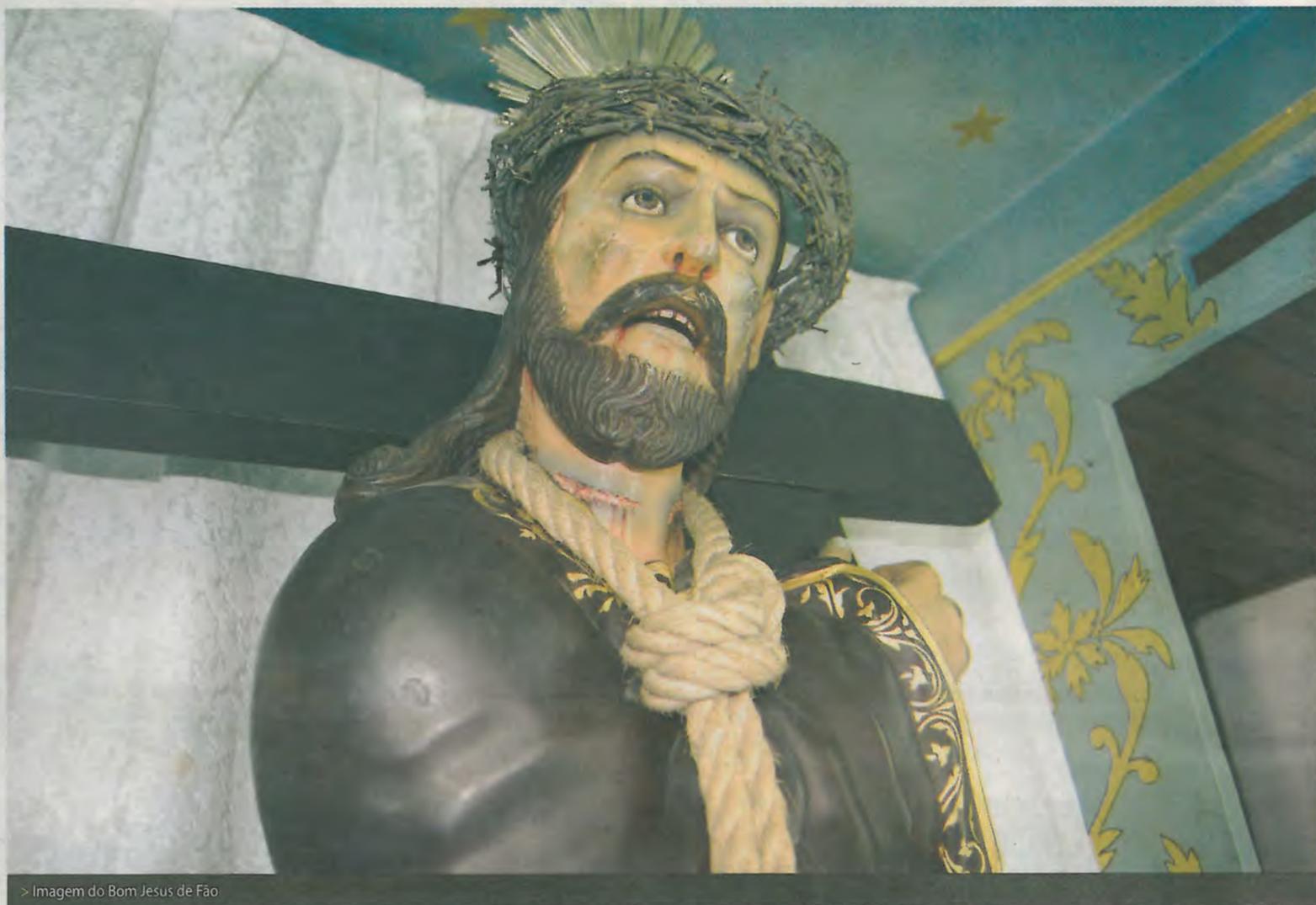
O Bom Jesus de Fão é, segundo a tradição popular, irmão do Senhor de Matosinhos e do Senhor da Cruz de Barcelos. A sua origem é desconhecida, não se sabendo de onde terá vindo a imagem. No entanto, o povo, que tem uma explicação para tudo, conta uma lenda muito interessante em que a imagem do Bom Jesus de Fão terá sido feita por Nicodemos, que a terá colocado no mar para não ser destruída pelo filho do rei Herodes. Indo parar às costas de Inglaterra, aí permaneceu algum tempo, voltando a ser colocada no mar, para novamente fugir à destruição. É aqui que ela surge em Fão.

Não menos curiosa é a lenda do Senhor da Agonia, uma outra imagem que se encontra num dos altares laterais da igreja do Bom Jesus, e que, segundo a tradição, veio de Itália, a quem também são atribuídos numerosos milagres.

A fé no Bom Jesus de Fão ultrapassou fronteiras e, por isso, a Real Irmandade é possuidora de um grande número de ex-votos que gostaria de expor ao público. Assim é fácil deduzir que um dos seus maiores sonhos é a criação de um museu.

A origem da imagem do Bom Jesus de Fão está envolta em mistério, não existindo dados concretos sobre quem a terá concebido e como é que ela terá aparecido nesta freguesia de Esposende. No entanto, o povo encarregou-se de lhe dar uma proveniência, criando à sua volta várias lendas, salientando sempre o facto de esta ser uma imagem milagrosa. Na sua "Crónica da Santa Província

Imagem do Bom Jesus de Fão está envolta em lendas



> Imagem do Bom Jesus de Fão

de Nossa Senhora da Soledade", editada em 1762, Frei Francisco de Santiago afirma que a imagem do Bom Jesus de Fão «é tão antiga, que com certeza se não sabe seu princípio». «Tem-se por tradição ser do tempo da rebelião de Inglaterra, na qual se lançaram naquele reino muitas famosas imagens ao mar, e que esta aportara ali [em Fão] miraculosamente, entrando pela barra do Cávado».

O padre Carvalho da Silva afirma, por sua vez, na "Corografia Portuguesa", que a imagem do Bom Jesus é tão antiga «que não se averigua d'onde veio; uns dizem que de Inglaterra, outros que se fez em Viana».

O historiador Manuel Albino Penteado Neiva, que elaborou um estudo sobre o Bom Jesus de Fão realça que, «à volta do aparecimento desta santa imagem várias lendas foram criadas ao longo dos anos e sobre elas andou o imaginário popular». Segundo afirma, uma dessas lendas sustenta «que quando apareceu a imagem do Senhor de Matosinhos, apareceram mais duas que, continuando à deriva no mar, umá terá acostado nas praias de Fão e, recolhida por fangueiros, foi guardada num pequeno nicho aí construído, a outra subiu rio Cávado acima até

Barcelos, sendo aí recolhida». «Esta lenda vai dar origem às três grandes devoções no Minho: o Senhor de Matosinhos, o Senhor da Cruz, em Barcelos, e o Senhor Bom Jesus de Fão», acrescenta.

O investigador recorda mesmo a célebre quadra popular que diz "O Senhor de Matosinhos/ Mandou dizer ao de Fão/ Que dissesse ao de Barcelos/ Que era também seu irmão".

Imagem feita por Nicodemos

Ainda segundo Manuel Albino Penteado Neiva, reza também a tradição que a imagem do Bom Jesus de Fão foi feita por José de Nicodemos que, depois de ter assistido a todos os tormentos do Redentor, lembrou-se de fazer uma imagem que tratasse todo o sofrimento do Filho de Deus, para memória dos fiéis. Entretanto, com a morte do rei Herodes, sucedeu-lhe no trono o seu filho Holofernes «dotado de más entranhas». «Pretendendo arrostar por terra a religião cristã, se declarou seu perseguidor», tendo publicado e afixado éditos em todas as praças do seu reino, «onde dizia que quem tivesse em sua posse imagens de Cristo as abandonassem e as deixassem na praça pública para serem queimadas e escarnecidas», conta.

A notícia chegou ao conhecimento de José de Nicodemos que, aflito por ter uma dessas imagens e ainda por cima feita por si, depressa a foi levar ao mar e a deixou a vaguear sobre as ondas.

A lenda conta que a imagem foi dar às costas de Inglaterra, tendo sido recolhida por um idoso que a levou para casa. Depois da sua morte, nenhum dos herdeiros queria ficar com ela, pois não lhe reconheciam qualquer valor.

No entanto, «por indicação de uma piedosa senhora, o filho mais novo aceitou ficar com a imagem e, pouco tempo depois, via a sua fortuna aumentar, a vida a correr-lhe bem», atribuindo «esse facto aos ares benfazejos da santa imagem», relata Manuel Albino Penteado Neiva.

A lenda conta ainda que, «com as grandes reformas religiosas operadas em Inglaterra e a destruição de imagens de santos, mais uma vez, e para sua protecção, a imagem de Cristo é lançada, de novo, ao mar, vindo acostar», desta vez, nas praias de Fão.

Aqui, uma velha senhora de Alapela, hoje Fonte Boa, que andava a apañhar lenha nas margens do rio, encontrou os fragmentos da escultura. Ana, assim se chamava a senhora, levou a madeira para casa e recom-

pôs a imagem, deu-lhe um lugar decente e de destaque, mantendo, no entanto, segredo desta descoberta. Como os milagres iam acontecendo, o segredo acabaria por não durar muito tempo. A notícia chegou ao abade de Fonte Boa que, comunicou o achado ao Arcebispo de Braga e mandou recolher a imagem para a igreja. Descontente, Ana escondeu-a embrulhada num lençol nos solhos do velho pardieiro. Quando um dia a foi buscar, viu que ali estavam apenas os lençóis e que a imagem tinha desaparecido. Curiosamente, esta foi parar de novo aos juncais, onde tinha sido encontrada inicialmente. Este reaparecimento foi festejado pelas gentes de Fão, que ali construíram um nicho para albergar a imagem.

Na sua "Monografia de Fão", Jorge das Neves Larcher conta ainda outra versão da lenda, onde se afirma que a imagem foi encontrada sem um braço à beira do rio por uma pobre mulher que andava à lenha. Mais tarde foi achado num outro local, por outra mulher, o braço que faltava. Ao deitá-lo ao lume, a senhora verificou que o braço saltava da lenha todas as vezes que tentavam queimá-lo. Assim, foi decidido erguer-se uma ermida onde a imagem foi encontrada.

Pequena capela deu lugar à igreja do Bom Jesus



> Igreja foi construída com ajuda de várias freguesias e com dinheiro vindo do Brasil



> Capela-mor da igreja do Bom Jesus

Parece ser consensual entre os investigadores que antes da actual igreja deverá ter existido uma pequena capela do Bom Jesus de Fão, erguida para acolher a imagem, cuja origem se desconhece.

Num texto elaborado para um programa das festas realizadas em 2005, Carlos Mariz realça que «a imagem do Senhor Bom Jesus de Fão é antiquíssima e até se desconhece a sua origem exacta», afirmando-se entre o povo «que apareceu no local onde foi erigida a capela, que era pantanoso e ficava inundado pelas marés». «Há uma tradição fangeira que nos diz que a capela era do tempo dos mouros», acrescenta.

Segundo Carlos Mariz, «em 1626 foi erigido um monumento na antiga ermida, no interior da capela mor, para sepultura de Paulo Carneiro de Figueiredo, pelo que se julga ter sido ele o seu fundador». «Antes dessa capela existiu um nicho onde esteve em princípio recolhida a imagem», sustenta ainda.

No entanto, no início do século XVIII, a capela já deveria ser pequena para a grande devoção ao Bom Jesus. Mas, o mais grave é que ela estaria em avançado estado de degradação. Manuel Albino Penteadado Neiva afirma que, «em 1707 o senhor Arcebispo de Braga mandou em visita à capela do Bom Jesus os ministros da sua corte, os doutores Manuel Pinheiro Ramos e António da Costa, que fizeram o seguinte assento: "...a ermida estava indecentíssima e em mau estado, ameaçando ruína...". «Perante tal registo, de imediato se providenciou

para que as obras se efectuassem. Na documentação estudada nota-se o desespero dos seus Mesários, que "...pensaram logo erguer uma majestosa igreja, que fosse digna da devoção que o povo nutria pela sagrada imagem...".

Assim, foi em 1710 que se iniciaram as grandes obras de construção da actual igreja, sendo o grande obreiro deste monumento o abade de Fonte Boa, padre Afonso de Meira Carrilho, que parouquiou esta freguesia entre 1690 e 1714, sendo juiz da Irmandade do Bom Jesus de Fão na altura em que os trabalhos se iniciaram.

Freguesias vizinhas envolvidas na obra

«Mas, a construção do templo dedicado ao Senhor Bom Jesus não foi só uma vontade dos fangeiros», salienta Manuel Albino Penteadado Neiva. Segundo explica, «à volta deste desígnio juntaram-se as freguesias vizinhas».

«Em 23 de Julho de 1712 os moradores de Rio Tinto, Fonte Boa e Barqueiros assinaram um contrato de obrigação com os oficiais da Irmandade do Bom Jesus, no sentido de se comprometerem na edificação deste templo. Os homens-bons de cada uma destas freguesias juntaram-se no Marco do Couto e aí decidiram o trabalho que cada freguesia deveria assegurar. Assim, por exemplo, os de Rio Tinto obrigavam-se a transportar, em carros de bois, toda a pedra e saibro necessários à obra. Caso faltassem eram "condenados", cada um, em 200 reis que revertiriam para a obra em curso», conta. Ainda segundo o historiador, «curio-

samente, os oficiais do Bom Jesus, para que o empenho dos homens fosse devidamente reconhecido, conseguiram que quem aí trabalhasse ficaria isento de prestar serviço militar durante o curso da obra de construção».

Outro grande apoio conseguido pelos mesários da Irmandade do Bom Jesus foi a autorização do rei D. João V para o lançamento de um imposto destinado a fazer face ao custo avultado das obras. «Este imposto foi concedido em 21 de Outubro de 1711 e consistia na cobrança de um real por cada quartilho de vinho que se vendesse nas tabernas de Fão, até ao montante máximo de 2.844\$000 reis», afirma o historiador. Não será de estranhar o facto de uma das fontes de receita para a edificação deste templo e da Casa das Alfaias ter sido a oferta de esmolas dos devotos. «Mas, para que as dádivas fossem substanciais, era necessário que os devotos se sentissem bem perto da santa imagem e sob a sua inteira protecção. Para isso, por regra, usavam-se diversas formas que iam desde a simples pagela até à estatueta que, obrigatoriamente, deveria ser benzida no local. Uma das formas que nos parece interessante, e porque não inovadora, foi a criação das fitas simbólicas, previamente benzidas», afirma Penteadado Neiva.

Assim, foi criada em Fão uma instituição chamada "Agência das Fitas", «que tinha por função adquirir tecidos, pintá-los, benzê-los, por norma tocando-os na imagem do Bom Jesus, e depois cortá-los em pequenas tiras que eram oferecidas aos devotos e doadores de esmolas»,



> Pedra tumular de Paulo Carneiro de Figueiredo

acrescenta.

Sabe-se, pela documentação, que estas fitas eram vendidas nas festas de S. Bartolomeu do Mar, na Senhora das Dores, na Póvoa de Varzim, na Senhora das Necessidades, em Barqueiros e, sobretudo, no Brasil, onde existiam importantes comunidades de fangeiros, nomeadamente no Rio de Janeiro,

em Ouro Preto e Baía de Todos-os-Santos. «Exemplo do que se disse é o facto de em 1754 o Capitão de Barcos António Fernandes Maciel mandar do Brasil, e produto da venda das fitas, a avultada quantia de 26.500 reis. Nesse mesmo ano, de Minas Gerais, Francisco Rodrigues Lago enviou 43.450 reis», afirma Penteadado Neiva.

Expoentes do barroco português construíram igreja do Bom Jesus

A construção da igreja do Bom Jesus de Fão esteve a cargo dos mestres pedreiros Manuel Fernandes da Silva e de seu pai Pascoal Fernandes, natural de Santo Ildefonso, no Porto, sendo ambos considerados expoentes máximos na arte barroca portuguesa.

Robert Smith afirma no seu trabalho "A Casa da Câmara de Braga" que, «ao lado da grande obra de André Soares, em Braga, no terceiro quartel do século XVIII, podemos colocar a de Manuel Fernandes da Silva, no primeiro quartel de setecentos e no fim do século XVIII». Estes foram os construtores de grandes casas e igrejas da cidade de Braga e participaram na remodelação da Sé, a mando dos Arcebispos D. João de Sousa e D. Rodrigo de Moura Teles. Em Fão, os dois mestres pedreiros iniciaram o seu trabalho em 1710, começando as obras pela capela-mor e, na altura, o Visitador louvou «o carinhoso zelo dos Oficiais do Bom Jesus e do povo por tão dedicadamente estarem a construir uma obra tão grandiosa».

Em termos arquitectónicos, afirma o historiador Manuel Albino Penteado Neiva, a igreja do Bom Jesus de Fão enquadra-se no estilo adoptado nos finais do século XVII, princípios do século XVIII, definido «por uma cruz latina, abobadado de pedra e com caixotões».

A sua fachada, acrescenta, «ostenta um pórtico renascentista, com um imponente janelão emoldurado ao melhor estilo joanino». «Seguindo a teoria de Kubler, estamos perante um exemplar típico do estilo "Chão" ou, por outras palavras, "uma arquitectura vernácula, mais relacionada com as tradições de um dialecto vivo do que com os grandes autores da Antiguidade Clássica"».

Para o historiador, é curioso notar que existe «um importante retrato a óleo do Arcebispo Moura Teles, o qual se fez desenhar acompanhado dos principais templos que no seu tempo mandou edificar» e «aí aparece um belo desenho do Templo do Bom Jesus de Fão o que prova que, na época, foi de extrema importância e veneração».

Madeiramento começou em 1720

O ano de 1720 fica marcado pelo fim das obras de pedreiro, efectuadas pelos mestres Manuel Fernandes da Silva e Pascoal Fernandes, e o início da fase de madeiramento da igreja.

Segundo Penteado Neiva, «para o arranjo das grades, púlpitos e portas, foi mandada vir madeira do Brasil e o entalhador foi o mestre Antó-



> A torre sineira ficou pronta em 1732



> O púlpito é construído em pau preto vindo do Brasil



> Altar de Nossa Senhora das Angústias

nio Carvalho, natural de Landim». Tendo em consideração as leituras que fez, o historiador afirma que «o primeiro altar a ser construído, por volta de 1720, foi o do Senhor da Agonia ou dos Aflitos», tendo sido «dourado por António Vieira, natural de Barcelos, em 1763, custando a obra 240\$000 reis». «Foram seus benfeitores Manuel Leite Ribeiro e Teodoro Alves. Ao longo dos anos foi sucessivamente alterado. Recentemente, 1953, este altar sofreu grandes danos, tendo sido recuperado pelo fangueiro Celestino Moraes», acrescenta. Em 1722, a igreja do Bom Jesus de

Fão recebeu a imagem de Nossa Senhora das Angústias, para a qual também foi feito um altar. O retábulo, afirma Penteado Neiva, cuja planta foi feita em Coimbra, foi construído pelo entalhador Francisco Custódio de Araújo Leite, natural de Requião. Estas obras foram custeadas por José Fonseca da Silva que, em 1772, mandou 131\$200 reis do Brasil. O historiador revela ainda que a reposição do telhado aconteceu em 1724 e, entre 1728 e 1731 iniciaram-se as obras de douramento da tribuna do altar-mor, onde se encontrava a imagem do Bom Jesus de

Fão desde 1721. Ainda no que diz respeito a obras, sustenta o investigador, a torre da igreja foi construída entre 1728 e 1731 e o sino grande, que foi comprado em Braga, ao mestre Agostinho Ferreira da Rocha, foi colocado a 9 de Fevereiro de 1733, tendo custado 272\$300 reis. Apenas como curiosidade, é importante dizer que a parte inferior de todos os altares é em granito trabalhado, uma medida implementada com o objectivo de minimizar estragos com as constantes cheias do rio Cávado, que se verificam neste local, em que a água chega a subir mais

de um metro no interior do templo. «Como última obra do século XVIII a merecer destaque, temos o órgão de tubos, malgradamente desaparecido em meados do século XX, que fora colocado nesta igreja por volta de 1792. Esta obra de arte foi recuperada, pela última vez, em 1920, tendo sido vendida para a sucata, em 1940, pela quantia de 650\$00», afirma Penteado Neiva. Por fim, refira-se que, em 1774 a igreja do Bom Jesus de Fão recebeu, como oferta de Domingos Francisco da Cruz, dois anjos tocheiros de grande valor escultórico, que ainda hoje se encontram no templo.

Grande Procissão do Bom Jesus encerra simbolismo e solenidade

A Grande Procissão do Bom Jesus de Fão, chamada Procissão da Cruz ou da Santa Cruz, é um momento imbuído de grande simbolismo e solenidade, que se realiza de cinco em cinco anos, embora a festa aconteça todos os anos na segunda-feira de Pascoela. No entanto, nem sempre foi assim, uma vez que, antigamente, a procissão só saía por ocasião de grandes e marcantes acontecimentos.

Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, esta procissão em Fão «enquadra-se perfeitamente na Festa da Santa Cruz ou da Invenção da Santa Cruz que, por regra, acontece nos dias 2 e 3 de Maio».

«Sobre este tema, o investigador fangeiro Carlos Mariz fez uma recolha que nos parece muito esclarecedora. Pelo menos nos séculos XVIII e XIX, [o Bom Jesus de Fão] era celebrado a 2 e 3 de Maio, com grande esplendor», acrescenta. Assim, tendo em consideração a pesquisa elaborada por Carlos Mariz, no decorrer da festa, «o recinto junto à capela era ornamentado com bandeiras e havia iluminação nocturna a 2 de Maio com "luminárias"».

Segundo o investigador, as pessoas faziam uma fogueira e lançavam fogo de artifício, enquanto os bombos e gaiteiros percorriam as ruas de Fão.

No exterior da igreja do Bom Jesus tocava uma banda de música e, dentro do templo, as cerimónias eram acompanhadas por músicos.

Ainda segundo Carlos Mariz, «os mordomos de fora, nomeadamente da Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Gandra e outros locais, vinham trazer o dinheiro arrecadado durante o ano e a Irmandade oferecia-lhes um jantar». Manuel Albino Penteadado Neiva realça, por sua vez, que «toda a festividade, tal como acontece hoje, era precedida de uma novena».

Para este historiador, há duas datas a assinalar e que marcaram de forma vincada este culto. «Em 1802 esta festa foi enriquecida com um Jubileu por Breve de Sua Santidade Papa Pio VII, e em 1804 a igreja do Bom Jesus de Fão obteve do Papa outro Breve para expor o Santíssimo Sacramento e o mesmo sair em procissão no dia da festa», afirma. Não menos relevante é a tradição, que se mantém ainda hoje, de atapatar as ruas do percurso por onde passa a procissão.

Pediu-se protecção contra os terramotos

Um dos trabalhos efectuados por Carlos Mariz foi o levantamento, através da contabilidade e dos livros de acórdãos, das procissões realizadas com a



> Os tapetes de flores são uma atracção das festas



> É tradição beijar as cordas da imagem do Bom Jesus



> A igreja do Bom Jesus recebeu dois Breves do Vaticano

imagem do Bom Jesus de Fão. Uma dessas procissões aconteceu em 1756, pouco tempo depois do grande terramoto de 1 de Novembro de 1755, que arrasou Lisboa, causando milhares de vítimas. Tendo sido sentido em Fão, a verdade é que o terramoto não causou danos na freguesia. Mas, as notícias vindas da capital devem ter aterrorizado a população.

Assim, «em 1756, sendo Juiz o reverendo Manuel Luís Pacheco, fizeram-se preces públicas implorando a protecção do Bom Jesus contra os terramotos», conta Manuel Albino Penteadado Neiva, citando Carlos Mariz. Na ocasião foram pregados dois

sermões, sendo oradores Frei António de Mariz, que recebeu 1.600 reis, e Manuel Leite Mariz, que pregou graciosamente.

Já em 1776 há novo registo, referindo que a realização da procissão, com a saída da imagem. Em Maio desse ano fizeram-se preces públicas implorando a chuva, uma vez que a grande seca que se fez sentir em 1775 punha em perigo as searas.

Outro ano que merece referência é o de 1808. A primeira invasão francesa, comandada por Junot, tomou Lisboa a 30 de Novembro de 1807 e, a Irmandade, por ordem superior, como se depreende das contas de 1808/1809, contribuiu «para ir fora os franceses de

Lisboa» com 40.000 reis.

Mas, mais importante que esta contribuição monetária, parece ter sido a contribuição espiritual. Segundo os documentos, a 2 de Maio de 1808, saiu da capela a imagem do Bom Jesus em imponente procissão de penitência, para pedir a expulsão dos franceses. E, nesse mesmo dia rebentou a revolta em Madrid, a 6 de Junho no Porto, a 8 de Junho em Braga e depois em todo o Minho. As forças anglo-lusas, comandadas por Arthur Wellesley venceram os franceses em Roliça e Vimeiro, respectivamente, a 17 e 21 de Agosto, tendo sido assinada a Convenção de Sintra a 30 de Agosto, o que definiu

a retirada dos franceses.

Por fim, merecem também destaque outros dois anos em que se realizaram procissões com a imagem do Senhor. A primeira aconteceu em 1946 e o Bom Jesus foi levado em procissão triunfal por ter salvo Portugal da segunda Grande Guerra. A outra data foi a 3 de Maio de 1956, dia em que se realizou a procissão para pedir a cura do prior António Alves Nogueira, que estava internado no sanatório do Carapalmo. Segundo os documentos, a procissão atingiu a extensão de um quilómetro e, nesse dia, o sacerdote foi informado pelos médicos que estava curado.

Memória manuscrita conta origem do Senhor d'Agonia

Num dos altares laterais da igreja do Bom Jesus de Fão encontra-se a imagem do Senhor d'Agonia que, segundo o investigador Carlos Mariz, «deve ter sido feita em Viana do Castelo». No entanto, uma memória manuscrita e assinada por Joaquim José Gomes do Sacramento, que foi estudada e transcrita pelo historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, conta que a imagem veio de Itália, salientando-se nesta lenda o facto de ela ter operado diversos milagres. Segundo conta a lenda, nos subúrbios de Fão morava o padre Anastácio Jordão, da Congregação do Oratório, que fez voto de ir visitar os lugares santos de Jerusalém se escapasse com seus companheiros da perseguição dos ímpios que nessa época atacavam as casas religiosas. No regresso, passou por Itália e próximo da cidade de Nápoles, entrou num convento majestoso, mas em ruína, onde encontrou no claustro uma imagem do Senhor d'Agonia, quase desprezada e só venerada por um pobre que servia de guia. Apegando-se a esse Cristo crucificado, Frei Jordão dirigiu-se ao superior daquela Ordem religiosa e pediu-lhe a imagem, que lhe foi oferecida para trazer para Fão. Contudo, a viagem não viria a ser de todo pacífica. Segundo a memória manuscrita, «quando Frei Jordão se dirigiu ao vapor que o ia trazer de regresso, fê-lo num pequeno batel a remos» e, «durante essa curta viagem até ao vapor, levantou-se uma forte tempestade que virou o batel», pondo «em perigo os remadores e o próprio Frei Jordão». «Gritaram misericórdia e todos se amarraram à cruz do Senhor d'Agonia sendo salvos por milagre», lê-se no documento.

Mas, os problemas não se ficam por aqui. Naquela época, os mares estavam infestados de piratas que saqueavam os bens e aprisionavam os passageiros para os vender em cativeiros. Assim, relata a mesma fonte, na viagem para Lisboa, o navio de Frei Jordão foi abordado, muito próximo de Marselha, na França, por infieis turcos. Após um combate violento, a embarcação foi tomada e o capitão, marinheiros e Frei Jordão abraçaram-se ao Senhor d'Agonia, clamando misericórdia. «Os turcos, estupefactos com tal visão, somente quiseram os seus mantimentos e nada lhes fizeram mal. Sem alimentos viajaram até Lisboa sem nunca terem tido sinais de fome», acrescenta o narrador.

Novo milagre na viagem até Fão

Quando chegaram a Lisboa, o sacerdote contactou com a sua congregação, dizendo ser portador de uma imagem milagrosa. Os Irmãos foram esperá-lo em procissão e conduziram



Imagem do Senhor d'Agonia



Igreja do Bom Jesus recebeu a imagem do Senhor d'Agonia



Janelão da fachada com uma linda moldura em granito

o Senhor d'Agonia até ao convento. Depois de saberem dos milagres operados, todos quiseram que a imagem ficasse no convento, mas Frei Jordão disse que não, «pois teria que dar cumprimento ao voto que o levou a Jerusalém e que era transportar aquela imagem para o Mosteiro do Senhor Bom Jesus de Fão».

Assim, a viagem até Fão foi feita de carro e, a meio do caminho, houve um assalto. Os ladrões, ao aproximarem-se, viram o frade a dormir junto à imagem, que estava tapada com panos. Depois de o acordarem, perguntaram-lhe o que estava tapado. E, segundo o documento, ao destapar

o Senhor d'Agonia, «de imediato os ladrões ajoelharam-se, beijaram-no e dispuseram-se a fazer-lhe guarda até ao Porto e, no final, deram-lhe uma grande esmola».

Mas os milagres não se ficam por aqui. Ainda segundo a memória manuscrita de Joaquim José Gomes do Sacramento, estavam dez pescadores de Fão na sua faina junto à costa de Esposende, quando se levantou o mar e virou-lhes a lancha. «Em altas vozes gritaram por misericórdia e conseguiram chegar sãos e salvos à praia não perdendo as redes nem o produto da pescaria. Como paga do milagre, levaram em ombros a lancha e todos os seus uten-

sílios até ao Santuário do Bom Jesus», lê-se no documento.

Ainda segundo a mesma fonte, «estando em Lisboa o sobrinho do cronista da Província da Soledade, Frei Manuel da Soledade, aquele foi acusado de um crime que não cometera e condenado à pena de morte» e, apegando-se ao Senhor d'Agonia, prometeu, «se fosse inocentado, vir a pé até ao seu Mosteiro em Fão (tinha 70 anos), vestindo as roupas de condenado». Quando estava prestes a ser enforcado, surgiu então o verdadeiro criminoso e pediu que soltassem o inocente. Para além de ser perdoado, o homem recebeu de D. João V uma

Medalha de Cristo.

O documento refere ainda mais dois milagres. Um de uma senhora que foi curada de um cancro no peito e que, por isso, prometeu dourar o altar do Senhor d'Agonia. O outro diz respeito ao capitão da nau "Cintra", João Leão que, numa viagem para a Índia, viu o naufrágio eminente no Cabo da Boa Esperança. O capitão prometeu que se escapasse à borrasca iria assistir todos os dias à missa na igreja do Bom Jesus e, com a sua fortuna iria dar o dote a três meninas de Fão que fossem órfãs na altura do seu casamento. A sua prece foi atendida e ele cumpriu o prometido, garante o autor do texto.

Património do Bom Jesus merece construção de um museu

A Irmandade do Bom Jesus de Fão é possuidora de um vasto património que merecia a construção de um museu, sendo, neste momento, a sua inventariação uma das necessidades a implementar.

O pároco de Fão afirma ser esta uma das suas preocupações uma vez que o Bom Jesus possui um património muito rico, que precisa de ser conhecido, quer pela população local, quer até pela do concelho ou mesmo por um público mais vasto.

«Creio que a grande ideia é, em primeiro lugar, identificar todo o património. Depois seria necessário efectuar o tratamento de algumas peças, nomeadamente de vestuário e de algumas pinturas a óleo, que estão a sofrer alguma degradação. Seguidamente era também ter a possibilidade de construir um local onde esse património pudesse ficar exposto para visitas de pessoas interessadas», disse o padre Manuel da Rocha.

Segundo o sacerdote, a edificação de um museu seria o grande sonho. «É uma ideia que a Irmandade já tem há algum tempo e, desde que eu cheguei, senti essa ideia e, realmente, é uma necessidade real. Quem dera pudéssemos contar até com apoios para que isso se viesse a concretizar», acrescenta.

Para já, o primeiro passo será inventariar as peças, identificando, registando e fotografando, para construir uma base de dados. Deste património, afirma, constam, por exemplo «ex-votos, peças em prata e ouro, como candelabros, vestes litúrgicas, imagens, pinturas a óleo de benfeitores e bastantes peças em cerâmica». Um dos ex-votos mais significativo encontra-se no interior da igreja e é a vela da barca "Guilherme". Esta oferta prende-se com a situação de perigo de naufrágio por que passou a tripulação desta barca portuguesa quando navegava entre a cidade do Porto e Brunswick, nos Estados Unidos da América. A situação aconteceu em Novembro de 1886 e, dado que houve vítimas, em prece os marinheiros vieram ofertar a vela do seu barco ao Senhor Bom Jesus de Fão.

Quanto à preservação deste património, o padre Manuel da Rocha sustenta que, quem toma conta dele faz o seu melhor, evitando que haja qualquer tipo de danos ou se verifique o desaparecimento de peças. «Fazemos o possível, mas não é de modo algum o ideal», afirma. Segundo refere, este património, que se encontra na Casa das Alfaias, é visitável em grupos pequenos, embora seja necessário contactar com a Irmandade, para que haja alguém a acompanhar.



> O rei D. Luís elevou a igreja do Bom Jesus a Capela Real



> Vitrina com ex-votos



> Casa das Alfaias onde o património pode ser visitado

Irmandade tem estatuto Real

Sobre a Real Irmandade do Bom Jesus de Fão, não é precisa a data da sua fundação, sabendo-se, no entanto que em 1710 já era seu Juiz o revêrendo Afonso de Meira Carrilho. É também sabido que os primeiros estatutos foram publicados em 1723, o que faz desta Irmandade uma das mais antigas da Arquidiocese de Braga.

Segundo o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, esta Irmandade tem um arquivo riquíssimo «porque os mesários e os juizes sempre foram pessoas com cultura e tiveram,

desde o início, a preocupação em fazer o registo dos acontecimentos, das ofertas, das obras e de tudo o que era o movimento do templo». «Felizmente, toda esta documentação foi conservada e poder-se-á dizer que a história desta instituição de irmãos está feita, sendo apenas necessário analisar e tratar toda esta informação. No entanto é necessário salientar que uma das pessoas que tem ao longo dos anos trabalhado essa documentação e produzido textos interessantes é Carlos Mariz», acrescenta.

E, no que diz respeito à história da Irmandade do Senhor Bom Jesus de

Fão, há um momento de extrema importância a realçar. Segundo Penteadado Neiva, a 28 de Abril de 1863, o rei D. Luís I concedeu à Irmandade uma distinção em que ele se nomeava Juiz Perpétuo, Patrono e Defensor do Bom Jesus de Fão, elevando ainda, por Alvará Régio de 27 de Maio de 1871, a igreja a Capela Real. «O sinal exterior de que se trata de uma Capela Real e de uma Real Irmandade foi a autorização por parte de D. Luís de se poder colocar no frontispício da igreja as armas reais», afirma o historiador.

Hoje, segundo a Vice-Juiz da Real Irmandade de Senhor Bom Jesus,

esta é uma instituição pujante e de grande importância na paróquia de Fão. Rosa Torres Fonseca salienta que integram a Irmandade muitas pessoas que não são apenas de Fão, mas de diversos pontos do país. «A Irmandade está aberta a todos e qualquer pessoa que tenha a intenção de ser Irmão é aceite», afirma. A Vice-Juiz realça ainda que há tradições que se mantêm, como o facto da imagem só sair na procissão de cinco em cinco anos. «São princípios que vão sendo incutidos nas novas gerações e, de ano para ano, tudo se vai concretizando, conforme está estabelecido na Irmandade», sustenta.



> Na igreja do Bom Jesus de Fão encontram-se dois belos anjos tocheiros de estilo barroco. Estas peças de arte, de grande valor escultórico, foram oferecidas em 1774 por Domingos Francisco da Cruz.



> Ex-voto assinado pelo padre Manuel da Costa e Silva que declara, a 16 de Abril de 1955, que Belmiro Fernandes Campinho, na altura com 2 anos de idade, natural de Touguinhó, Vila do Conde, foi «miraculosamente curado por invocação do Senhor de Fão».



> No interior da igreja do Bom Jesus de Fão encontra-se a vela oferecida pela tripulação da barca portuguesa "Guilherme", que foi salva numa tempestade quando navegava entre o Porto e Brunswick, nos Estados Unidos da América.



> A igreja do Bom Jesus de Fão foi construída numa zona de cheias do rio Cávado. As águas já chegaram a subir mais de um metro no interior do templo. A pensar nesta situação, a parte inferior dos altares e as peanhas são em granito trabalhado, para menorez os estragos.



> O adro da igreja do Bom Jesus de Fão foi construído entre 1726 e 1728. A parede, que delimita este espaço, está guarnecida por pilastras encimadas por 32 grandes esferas de granito.



> A Irmandade do Bom Jesus de Fão possui um rico património, onde se inclui este ex-voto datado de 1881 e que testemunha o "Milagre que fez o Senhor Bom Jesus ao Padre Manuel Villa Chã Pinheiro, da Freguesia de Fão".